

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. *Epifanias
como se fossem crônicas.*
Serra: Formar, 2020.

Anaximandro Amorim*



Ester Abreu Vieira de Oliveira (Muqui/ES, 1933) é uma escritora de vastíssimo e rico currículo, que podemos pincelar: pós-doutorado em Filologia Espanhola pela Universidade de Madri; Professora Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); autora de dezenas de obras entre

* Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

literatura, ensaio, didática e crítica; membro de várias instituições culturais como o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES); da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL); e da Academia Espírito-santense de Letras (AEL), da qual é a atual presidente, a “presidente do centenário”, sendo a quarta detentora da cadeira 27, cujo patrono é Afonso Cláudio de Freitas Rosa. Em termos literários, publicou *Momentos* (poesia, 1989), *Ibéria dividida* (poesia, 1989), *El lagarto miedroso* (literatura para crianças, 2001), *Para no olvidar: una reunión de vidas en homenaje* (poesia, 2005) e *Salmos da inquietação e eclosão do ser* (poesia, 2006).

Epifanias como se fossem crônicas é um dos seus mais recentes trabalhos. Publicado pela Editora e Gráfica Formar, de Serra/ES, em 2020, o volume conta com pouco mais de duzentas páginas, dentre textos e um apêndice com algumas fotos. No caso dos textos, o livro conta com 25 escritos, divididos em três partes: 1) “O poder da palavra”; 2) “Entre os livros e a vida”; 3) “Telúricas recordações”. Com esmerado prefácio da escritora Josina Nunes Drumond, a Jô, também pós-doutora em literatura e outra grande intelectual capixaba, podemos afirmar que *Epifanias* é uma ode às letras, um devocional à arte da escrita que mescla conscientemente ensaios e crônica, numa prova da natural vocação da autora: o magistério.

Começo pelo título que, para mim, resume muito bem a proposta do trabalho. Em primeiro lugar, a “epifania”, em seu sentido etimológico, daquela descoberta que se faz de repente e que abre janelas para uma nova realidade, caminhos para novas veredas. As epifanias de Ester, indubitavelmente, se dão pela literatura: as letras são o fio condutor desse livro que se quer didático, em muitas vezes, confessional, em outras, como produto do espírito de uma mulher que começa descobrindo o mundo pelos livros, como ela mesma afirma, no texto “Letras transformam a vida”:

Iniciática na leitura, eu cruzei a porta de um mundo mágico e dei entrada em outra realidade onde habitavam criaturas perseguidas,

amorosas, vingativas, boas e más, belas e feias, que caminhavam por lugares diferentes dos que conhecia e que me revelavam os seus dramas cotidianos (OLIVEIRA, 2020, p. 86).

Outro termo que me chama a atenção é o sintagma “como se fossem crônicas”. Há, portanto, um caráter híbrido, de efêmero e eterno, isto é, de um texto que flerta com o agora, sabendo que ele o deixará de ser, mas que será eternizado pela escrita, criando, assim, memória.

Ademais, dentro desse próprio sintagma, pinço a locução “como se”, portanto, comparativa. Ester é uma escritora experimentada, que sabe qual caminho seguir. Se os textos não são exatamente crônicas “em sua pureza”, é porque são escritos em um tempo contemporâneo, em que a literatura dá passos cada vez mais largos à hibridez de formas. Decerto, o primeiro texto do livro, “Apontamentos da escrita e de seu caminhar com justificativas do seu fazer e o porquê” muito se aproxima de um ensaio, com ilustrações e até mesmo referências bibliográficas. O elemento literário, no entanto, está diluído no texto, em passagens que retomam elementos memorialísticos, havendo, aqui, a presença de mais um mito, como é do feitio da autora, o de Mnemósine, ou da memória:

A necessidade de guardar os seus feitos ou o conhecimento do mundo, para preservar os fatos, levou o homem a criar a escrita. Ela serve como memória de um povo. Assim, se de muitos povos e raças nada ou quase nada conhecemos, deve-se à falta de seu testemunho numa escrita (p. 16).

A palavra, assim, tem o poder. Ela é o verbo e o verbo é Deus, segundo a tradição bíblica. Cultuar a palavra é, em última análise, estabelecer uma liturgia que estabelece o jogo entre texto, leitor e autor, em seus diversos matizes. Ester Abreu tenta desvendar essa relação, apontando caminhos como em “O poder e a subversão da ordem”, talvez, uma reflexão não apenas sobre a marcha da literatura até o nosso contemporâneo, talvez uma forma de explicar o *modus operandi* do seu trabalho; ou retornando ao estudo da forma fixa, no texto “Dos encontros ou dos desencontros do soneto”, verdadeira aula sobre o tema:

O soneto foi, durante várias épocas, amado, desprezado, valorizado, esquecido. Conquistou a Europa, nos cantos de variados poetas. [...] Foi tão relevante o seu emprego, que passou a ser usado, não só nos temas amorosos, mas também nos satíricos ou num retrato psicológico, para demonstrar o fenômeno do riso e do humor (p. 52).

Ester canta “a comédia da vida” (crônica: “Por que canto a comédia da vida?”, p. 69) coadunando a vida com a “Comédia” de Dante, em que a literatura é a chave para o paraíso sem passar pelo inferno, nem pelo purgatório:

Vários fatores me fazem cantar a vida. Se ela é uma comédia na qual somos os atores, apoio-me para expressar a fantasiosa insatisfação, na esperança de melhores dias, na grande *Comédia* de Dante Alighieri. Dessa forma, assinalarei que o amor é, ainda, o respaldo para a impulsão de melhoria neste mundo. Mas se as minhas fantasias e aspirações de um mundo melhor encaixam-se nos versos de Dante, é porque em cada homem há um poeta que justifica o seu mundo fictício (p. 69).

Esse capítulo, em nosso ver, é, de fato, um *intermezzo*: nele, ainda encontramos textos com temas que versam no universo das palavras, como, aliás, é a tônica da obra como um todo; no entanto, Mnemósine, aqui, se vê mais presente, aumentando sua participação ao longo de escritos que preparam o autor para seu triunfo, na terceira parte do livro. Ainda nesta segunda parte, destacamos o capixabismo de “Rubem Braga, crônicas e cajueiro” e “Trovas e cancionero capixaba”, que mostram a pujança da nossa terra até aportar na Muqui natal da autora, no capítulo “Telúricas recordações”, cujo título traz duas palavras-chave: “telúrica”, ou seja, do seu rincão natal, cidade de casarios, causos, fantasias e fantasmas, missas, ladainhas e brincadeiras; e “recordações”, em que a Memória se faz soberana.

Aqui encontramos a presença de uma outra voz, ainda que da mesma autora: a da menina interiorana, vivendo em um mundo conservador e que, nem por isso, retirou dela a vontade de ganhar a “cidade grande”, nem que fosse uma capital com muito menos almas que a de hoje: “O quintal era o palco para a representação dos sonhos. Sobre os galhos da mangueira, que ficava na beira

do rio, lia. Era meu escritório”, trecho da crônica “O silêncio onírico da casa” (p. 158).

Ou como os “Casos e causos”: “Em minha infância, como costuma acontecer com quase todas as pessoas, ouvi muitas histórias fantásticas narradas por parentes, serviçais, amigos e vizinhos” (p. 130). E assim foi se formando a menina, num mundo de sonhos, embalados pela literatura oral e escrita, misturando fantasia e realidade, mesclando o rio, o trem, o casarão dos Rambalducci, com a mula sem cabeça, o Saci-pererê ou o circo do fim de semana, os moinhos de vento de Dom Quixote e tudo o que forjaria a intelectual, tantos anos depois.

Ler *Epifanias como se fossem crônicas* é ser convidado à descoberta pelo olhar sensível da autora. E se foi Barthes quem preconizou “a morte do autor”, no que a obra passaria por uma reescritura graças à apreensão do signo linguístico e a criação de outros, por quem se aventura pelas letras, ousa afirmar que ler a obra de Ester torna a autora ainda mais viva e, mais além, nos faz descobrir o mundo pelo sensível olhar de quem a vida inteira deixou-se apaixonar pelas palavras.

Recebida em: 21 de março de 2021.
Aprovada em: 23 de março de 2021.